

**UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO**

BIANCA NINZOLI MARQUES

**RELATÓRIO PARA REALIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM
“TODXS EM CAMPO: UM ESTUDO SOBRE A REALÇÃO DO FUTEBOL COM A
HOMOSSEXUALIDADE”**

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE/ 2018**

BIANCA NINZOLI MARQUES

**RELATÓRIO PARA REALIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM
“TODXS EM CAMPO: UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO DO FUTEBOL COM A
HOMOSSEXUALIDADE”**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso) apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie para avaliação parcial do Curso de Jornalismo, sob a orientação do Professor Dr. Anderson Gurgel Campos.

SÃO PAULO

2º SEMESTRE/ 2018

RESSALVA

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.

AGRADECIMENTOS

Obrigada ao meu professor e orientador Anderson Gurgel, que acreditou na minha capacidade, se apaixonou pelo tema tanto quanto eu e que me guiou durante todo o trabalho.

Obrigada ao meu primo Enzo Ninzoli, que foi o meu exemplo de resistência, de força e de inspiração.

Obrigada aos meus pais, Elaine Ninzoli, Jefferson Marques e Waldirlei Batista que me proporcionaram a educação que tenho e me incentivaram à concretizar todos os meus objetivos.

Obrigada aos meus amigos, Amanda Perestrelo, Bruna Malospírito, Caio Vendramini, Daniela Nunes, Gabriel dos Santos, Giovanna Guelere, Giulia Famá e Larissa Avelino que me apoiaram durante toda a jornada e foram essenciais para eu ter chegado até aqui.

Obrigada ao meu parceiro Felipe Pereira, que sempre acreditou no meu potencial e me deu força quando necessário.

Obrigada a todos que compartilharam partes de suas vidas e confiaram em mim para contar as suas histórias.

Obrigada ao Jornalismo por me proporcionar essa evolução como profissional e como ser humano.

"Todos nós parecemos iguais no escuro"

(Tom Fletcher)

RESUMO

Este trabalho apresenta pesquisas sobre o esporte, majoritariamente o futebol, como formador de opinião e caráter na sociedade, sobre o jornalismo esportivo e seu comprometimento com a verdade frente às barbáries do meio e sobre a homofobia em seus graus e presença no cidadão brasileiro. Pelo uso do recurso literário e jornalístico, exibe-se reflexões e pensamentos sobre o papel da mídia em desmistificar um assunto e militar a favor de uma causa. Evidencia-se também a importância de profissionais honestos, com textos humanizados e interesse em se aprofundar em assuntos não lucrativos e de forma não polêmica. Mostra-se como foi desenvolvido um livro sobre o tema “homossexualidade no futebol”, como personagens foram encontrados e quais critérios foram utilizados para a apuração e viés de construção do texto. A fundamentação desse trabalho se concentra em autores como Hilário Franco Júnior, Edvaldo Pereira Lima e Alex Bellos. Pretende-se responder a seguinte pergunta-problema: Como é possível retratar em um livro-reportagem a homossexualidade no futebol?

Palavras-chaves: futebol; homofobia; preconceitos no esporte; livro-reportagem; jornalismo esportivo.

ABSTRACT

This work presents research on sports, mainly soccer, as an opinion and character trainer in society, about sports journalism and its commitment to the truth about the barbarities of the environment and about homophobia in its degrees and presence in the Brazilian citizen. Through the use of the literary and journalistic resource, reflections and thoughts on the role of the media in demystifying a subject and military in favor of a cause are exhibited. There is also evidence of the importance of honest professionals, with humanized texts and an interest in delving into non-profit issues and in a non-controversial way. It shows how a book was developed on the theme "homosexuality in football", how characters were found and what criteria were used to calculate and bias the text construction. The foundation of this work is focused on authors such as Hilário Franco Júnior, Edvaldo Pereira Lima and Alex Bellos. It is intended to answer the following question: How can you portray homosexuality in football in a book report?

Keywords: soccer; homophobia; prejudices in sport; book-report; sports journalism.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
1.1	Hipóteses da pesquisa	10
1.1.1	Objetivos e pergunta-problema	11
1.2	Relevância e discussão jornalística	11
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1	Origem do futebol	12
2.1.2	A prática exclusiva	13
2.2	Futebol como projeção da sociedade	14
3.	DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	16
3.1	Características técnicas	20
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
5.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1. INTRODUÇÃO

O que afetaria na vida de qualquer pessoa, por exemplo, se os jogadores Lionel Messi ou o Cristiano Ronaldo revelassem, hoje, serem homossexuais? É possível prever o reboiço que isso causaria na mídia, entre os torcedores do Juventus e Barcelona, argentinos e portugueses. Mas, o que realmente deveria ser importante é o desempenho físico desses craques, e não suas vidas sexuais. Contudo, pelo o que se vê no mundo do futebol, não é apenas o quanto o jogador é bom profissional que importa para ele ser bem aceito dentro e fora de campo.

Tanto na Europa, quanto no Brasil muitos jogadores não assumem sua sexualidade por medo de preconceito ou por não se sentirem à vontade em seu ambiente de trabalho.

O atacante da seleção francesa e participante dos grandes campeonatos europeus, Olivier Giroud, relatou em entrevista para o jornal francês *Le Figaro* as dificuldades que existem internamente. Na matéria traduzida pelo portal *UOL*, em novembro de 2018, o atleta se diz muito tolerante ao assunto mas, lembra dos preconceitos que sofreu, mesmo sendo heterossexual, quando aceitou ser capa de uma revista gay e também carregou a bandeira do movimento LGBTQAI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Assexuais, Intersexuais e mais) em uma partida pelo time Arsenal da Inglaterra. Mesmo com os avanços progressistas da sociedade o jogador acredita que há muito trabalho a ser feito nesse âmbito do esporte.

No entanto, a maioria dos torcedores europeus diz não ter aversão à homossexualidade assumida pelos atletas. Um exemplo disso está na matéria produzida pela *BBC* em outubro de 2016, no Reino Unido, a qual revela, em uma pesquisa, que 82% dos torcedores britânicos reagiriam de maneira não preconceituosa aos atletas gays. Ou seja, teoricamente, torcer por um time e o mesmo contratar profissionais homossexuais, não causaria nenhum tipo de estranhamento, protestos homofóbicos ou violência.

Do mesmo modo, algumas pessoas declaram que deixariam de acompanhar seus times caso algum atleta assumisse ser gay. Esse índice é menor, apenas 7%, segundo o levantamento da *BBC*. Mas, mesmo assim, 50% dos jogadores disseram já ter escutado ofensas homofóbicas em partidas.

A reportagem “Homossexualidade no esporte: Brasil mantém futebol dentro do armário” feita pelo site *globoesporte.com*, em fevereiro de 2014, revela o preconceito em todos os esportes, exibindo casos de suicídio de profissionais. É possível captar o machismo e o desrespeito até mesmo na escrita do texto para o site. Como nos trechos “repetidos atletas, de repetidos esportes, vêm saindo do armário” (ALLIATTI, 2014) e “afinal, como a maioria dos torcedores reagiria ao saber que o capitão, o centroavante ou o lateral-direito de seu time é homossexual?” (ALLIATTI, 2014).

Diante deste cenário, especialmente no Brasil, foram criados clubes e torcidas organizadas exclusivamente para homossexuais. Como é o caso do Unicorns.FC, time masculino de gays que se reúne toda semana no bairro do Ipiranga em São Paulo. Na notícia “Time só de gays luta para quebrar estereótipos no futebol”, veiculada em maio de 2017, pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos jogadores comenta que teve que enfrentar barreiras até mesmo com os próprios colegas gays, por eles acharem que futebol é coisa para heterossexuais. E, não há apenas esse clube que segue essa linha de atuação.

O Bulls Football SP também é uma equipe que aceita em seus treinos LGBTQAI+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, *Queer*, Assexuais, Interssexuais e mais), e vem crescendo na atualidade, do mesmo modo que existem campeonatos amadores como o “Champions Ligay”. Uma competição que se iguala ao campeonato brasileiro de futebol e em sua segunda edição, no início de 2018, recebeu doze times de homossexuais.

1. HIPÓTESES DA PESQUISA

Contudo, o fato de existir times dessa vertente, acolhendo apenas gays, não deve ser notado como positivo, pois apenas contribui para a exclusão dessas pessoas na sociedade e alimenta os estereótipos preconceituosos. Deve haver um questionamento frente a isso, visto que esses indivíduos precisam de um ambiente só deles para praticar um esporte, exercer uma profissão ou ter um momento de lazer. Porém, o ideal seria ter o direito de escolher entre se excluir ou se incluir na sociedade e não ser obrigado a se restringir.

É papel não só dos cidadãos, jogadores, técnicos e colaboradores do futebol quebrarem este paradigma e criarem um ambiente seguro para qualquer

um, mas também, é dever do jornalista retratar e denunciar, sem restrições, este cotidiano para que alguma evolução possa ser alcançada.

1.1.1 OBJETIVOS E PERGUNTA-PROBLEMA

Visando essa contextualização se parte para a pergunta: como é possível retratar em um livro-reportagem a homossexualidade no futebol? Nele o objetivo geral é elaborar uma discussão e expor as histórias de diversas pessoas sobre gênero. Ou seja, colher dados e relatos de pessoas homossexuais que já sofreram algum abuso ou preconceito no mundo futebolístico. E também entrevistar especialistas no meio jornalístico e esportivo como Katia Rúbio, jornalista e docente de educação física na Universidade de São Paulo (USP) e Rinaldo Martorelli, presidente do Sindicatos dos Atletas de São Paulo (FAPESP), para entender o assunto de forma mais profunda perante a sociedade.

O objetivo específico consiste em, a partir dos dados colhidos, escrever um livro-reportagem agrupando todas as informações, sendo essas: depoimentos de atletas, de torcedores, técnicos, e pessoas ligadas ao futebol. Também há pesquisas bibliográficas e documentais sobre o tema, onde é possível encontrar números de times e torcidas compostas apenas por homossexuais, além de ocorrências de preconceitos e abusos.

Após compilar todo esse conteúdo e dar sentido a ele, é criada uma discussão intrínseca ao texto, a qual tem como finalidade responder a pergunta-problema, sendo com as histórias relatadas, as pesquisas e as opiniões dos especialistas.

Este é um tema muito pouco desenvolvido e falado tanto no jornalismo quanto em seu ambiente (campos e times de futebol). Por ser uma esfera machista e extremamente fechada, há muito preconceito, tabus e dinheiro envolvido no assunto, talvez essas sejam algumas das razões para a grande mídia se distanciar.

1.2 RELEVÂNCIA E DISCUSSÃO JORNALÍSTICA

A relevância dessa discussão para o campo jornalístico existe, uma vez que a função desta profissão é informar e mostrar diferentes realidades que não podem ser vistas do olhar de uma pessoa leiga e sim do ponto de vista de um jornalista. Cabe a este trabalho denunciar todos os preconceitos e abusos que

estão presentes no cotidiano, mas passam despercebidos ou não recebem a devida atenção.

Além disso, por meio desse livro-reportagem é possível descobrir informações e personalidades inéditas, ou seja, trazer algo novo para a sociedade. Para realizá-lo, são usadas bibliografias básicas como *Jornalismo Esportivo (2003)*, de Paulo Vinicius Coelho, visando extrair conceitos básicos da cobertura esportiva brasileira. *Páginas Ampliadas (2004)* de Edvaldo Pereira Lima, para tratar das técnicas de livro-reportagem e jornalismo literário. Por fim, *A Dança dos Deuses (2007)*, de Hilário Franco Júnior, *O Brasil em Campo (2003)* de Alex Bellos, e *Como o Futebol Explica o Mundo (2005)* de Franklin Foer, a fim de entender um pouco mais da história do futebol no Brasil e no mundo.

Artigos e reportagens serão as bases para uma pesquisa de números. Como citada anteriormente, a matéria da *BBC* tem a linha de pensamento a ser seguida, uma vez que revela alguns números de aceitação do homossexualismo, existência dele e seu crescimento no mundo futebolístico. Além disso, uma comparação feita igualmente com artigos e estatísticas, sobre o tratamento dos homossexuais no Brasil será abordada, como por exemplo, a reportagem do jornal *El País Brasil* “Uma noite de futebol com o Unicorns FC, o time que joga contra a homofobia”, publicada em junho de 2017, na qual o repórter acompanhou um dia de jogo e entrevistou os jogadores sobre a situação homofóbica no país e nas suas vidas.

Em uma pesquisa de campo, clubes brasileiros como Corinthians e Guarani foram contatados, conseguindo o acesso à base do alvinegro paulista. Do mesmo modo, torcidas organizadas, grupos de pessoas que jogam separadamente devido ao preconceito e repórteres de diversas redações foram elencados para compor a lista de personagens e fontes do livro. Dessa forma, o objetivo é buscar jornalistas e técnicos esportivos para que eles possam dividir suas experiências relevantes para o trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ORIGEM DO FUTEBOL

Com base na obra de Hilário Franco Júnior, *A Dança dos Deuses (2007)*, é possível entender mais sobre a origem do futebol, desde os anos antes de

Cristo até sua popularização na Inglaterra. O autor faz uma contextualização não só do esporte, mas também da sociedade, da política e da cultura de cada nação e povo mencionados no livro. Além disso, ele busca sempre relacionar o momento histórico do mundo e de cada local, com fatos e acontecimentos no meio futebolístico. Este recurso será usado no livro-reportagem, visto que o tema do mesmo é estritamente ligado a movimentos e pensamentos da sociedade.

Jamais houve interesse por parte deles em exportar esse hábito *very British*, daí a longa recusa e participar de competições internacionais, daí a prolongada relutância em aceitar plenamente a FIFA. Os ingleses espalhados pelo mundo devido ao vigor de seu império, procuravam ali jogar futebol apenas entre si, resistindo à participação dos nativos. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.29)

Neste trecho o autor se refere aos ingleses e à disseminação do futebol no mundo. Órgãos reguladores como a FIFA já existiam, mas a Inglaterra, anteriormente, ao recusar sua entrada mostra como o esporte já teve sua origem em restrições. Ou seja, determinado povo se achava superior às regras e aos demais países, colocando-se no patamar de não aderir algo comum para todos. Fato que pode ser diretamente ligado com a homofobia atualmente, uma vez que grande parcela de envolvidos (torcedores, jogadores, técnicos e diretoria) se vê no direito de excluir e hostilizar integrantes do mesmo grupo, mas que possuem uma opção sexual diferente.

2.1.2 A PRÁTICA EXCLUSIVA

Pode-se dizer que o futebol é e foi um espelho da sociedade. Enquanto a Inglaterra era a maior potência mundial, também era excludente e “superior” no esporte. Décadas depois, quando o racismo cresceu em nações como na Itália de Mussolini, o reflexo deste preconceito também caiu sobre os atletas negros. “a vitória (da Itália) sobre o Brasil na semifinal, saudada pela imprensa facista como ‘triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros [...] Para além da vitória atlética, resplandece a vitória da raça” (FRANCO JÚNIOR, p. 51- 52).

Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se desde o início um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização do Brasil e da construção da identidade nacional. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.61)

Esta é a definição que Franco faz do esporte retratado no Brasil e pode ser aplicada até hoje, diante de episódios de racismo, homofobia e desigualdade social dentro deste universo. Há vários exemplos de ocorrências, como o xingamento de Daniel Alves, até então jogador do Barcelona e da seleção brasileira, de “macaco” devido à sua cor. A provocação e ataques homofóbicos em relação ao atleta do Corinthians Emerson Sheik, devido à postagem de uma foto em suas redes sociais, a qual dava um beijo em outro homem. E o tabu em relação ao lateral esquerdo Richarlyson Barbosa, o qual não se define como homossexual, mas sofre muitas críticas e preconceitos. Este último atleta teve que lidar com o episódio de depredação da fachada do clube Guarani, com insultos pichados e desenhos ofensivos estampados no muro do clube no dia de sua apresentação como novo integrante do time.

2.2 FUTEBOL COMO PROJEÇÃO DA SOCIEDADE

A sociedade se sente no poder de julgar alguém pela sua opção sexual e ainda inferiorizar pessoas não heterossexuais, muitas vezes isso ocorre só porque está mexendo com os valores de torcedores ou ferindo a masculinidade de alguém. Um ídolo deixará de ser aclamado por alguns se declarar ser gay, uma vez que isso não muda em nada a vida de seus fãs.

[...] todas as formas de preconceito ao homossexual são expressas em um campo de futebol. A imagem do homossexual é incongruente aos olhos dos espectadores que entendem o futebol como reduto da força física, como se a liberdade sexual estivesse ligada a ter ou não força, ter ou não virilidade. Parte-se do entendimento que o futebol reproduz às regras rígidas da masculinidade. A questão das formas de masculinidade é tão forte e disseminada no âmbito esportivo que, aparentemente, imagina-se anulada a possibilidade de coexistência de atletas gays nesse espaço. (ALMEIDA; SOARES, 2012, p.34)

O objetivo do produto elaborado é mostrar que assim como negros são seres humanos iguais aos brancos, homossexuais não são seres diferentes dos heterossexuais a não ser pela sua opção sexual. Além disso, esses indivíduos têm histórias, anseios e objetivos dentro de si que são dificultados pela homofobia. O livro-reportagem tenta transparecer cada personagem e acabar com os prejulgamentos sofridos por atletas e pessoas no meio futebolístico.

[...] ser um país “desigual e combinado”, na expressão de José de Souza Martins, manifesta-se no futebol na esquizofrenia abatimento/euforia, idolatria/perseguição, que marca as relações entre a seleção e a população (e também os clubes e

suas torcidas), revelando que no fundo projetamos nossas aspirações coletivas mais nos campos de futebol que nos campos sociais. (FRANCO JUNIOR, 2007 p.130)

Franco Júnior expõe com clareza o verdadeiro sentimento que os torcedores têm com o futebol e seus respectivos times. Segundo uma pesquisa feita em 2016 pelo Grupo Gay da Bahia, uma associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, e publicada no jornal *O Globo*, em janeiro de 2017, a cada 25 horas há uma morte no país devido à opção sexual. Se há uma projeção de todas essas pessoas criminosas e preconceituosas sobre jogadores de futebol, é evidente que o ambiente esportivo também será recluso.

Se uma sociedade que projeta suas emoções em ídolos e profissionais, é a mesma que mata um homossexual quase diariamente, é impossível um esporte que representa, e é a paixão da maioria desse mesmo povo, não ser opressor. Como o próprio autor, comenta “o nacionalismo brasileiro sempre calçou chuteiras” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p.130) e isto pode ser perigoso, tendo em vista a inocência e a intenção do amor à pátria.

“Seja na política ou no futebol, a sociedade brasileira continua esperando um messias que resolva suas dificuldades” (Idem, p. 162). O esporte em geral é movido por um “messias”, ou seja, um salvador, um ídolo, uma estrela que traga o título para casa. Juntando essas duas afirmações (projeção e herói), pode-se dizer que o resultado não é favorável para os que estão “excluídos” desse padrão, no caso os homossexuais.

O debate da homofobia tem como cerne um elemento higienizador de uma sociedade na qual a heteronormatividade é condição obrigatória de normalidade; sobretudo, quando a diferença é o princípio produtor da identidade e não o contrário; a identidade não é aquilo que somos, mas somos em função da multiplicidade do ser. (ALMEIDA; SOARES, 2012, p.303)

Torna-se muito difícil assumir algo que já é considerado anormal em um ambiente comum da comunidade, quanto mais em um local em que a “normatividade” reina e é fator decisivo na hora das relações pessoais e profissionais. Parte da culpa desse fenômeno pode ser também da mídia, que dissemina uma ideia de que todos os setores da sociedade devem seguir um padrão, o qual é essencialmente normal na visão da maioria. Predomínio este que engloba as esferas mais preconceituosas, como as pessoas enquadradas na pesquisa do Grupo Gay da Bahia.

O Brasil é um país onde os agentes funerários oferecem caixões com o escudo dos clubes, onde plataformas marítimas de petróleo são equipadas com campos de futebol-soçaites, e onde um clube de futebol pode ser um trampolim para um cargo parlamentar. (BELLOS, 2003, p. 11)

De acordo com Alex Bellos, jornalista inglês e autor do livro *O Brasil em Campo* (2003), a visão, em relação ao meio futebolístico, que um estrangeiro possui do país é, exagerada e fanática, como ela realmente é. Ou seja, na introdução de seu livro-reportagem ele já cita o trecho acima para demonstrar o quão influente é o futebol na vida dos brasileiros. Ele veio para cá em 1998 e passou quatro anos apurando histórias com diversos personagens envolvidos no esporte retratado. E após sua pesquisa ele pôde afirmar o fanatismo e o poder de influência que o futebol tem sobre os indivíduos, dizendo até que essa atividade pode ser uma porta de entrada para o Congresso e a política em geral, exemplo disto são os ex-jogadores da seleção, Romário e Bebeto, senador e deputado estadual pelo Rio de Janeiro respectivamente.

“O futebol é cultura popular, sinônimo de paixão, razão de viver e sua função social perdura” (NOGUEIRA, 2015). É sobre esse domínio e poder que o livro-reportagem trata, contudo ele está colocado de forma expositiva em relação à homossexualidade, mostrando o quanto esses dois fatores podem sim se relacionarem de forma saudável e respeitosa, mas o que acontece é exatamente ao contrário como os autores citados nesse referencial evidenciam.

3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

A linguagem usada para o desenvolvimento do livro-reportagem foi baseada nos conceitos de jornalismo literário, tendo em vista autores como Tom Wolfe e Ítalo Calvino, os quais acreditam em um texto com descrição de personagem, de cena, de cenários e utilizam uma construção narrativa.

O que esses teóricos pregam se fez proveito em toda a base linguística deste trabalho, de modo que uma descrição de cena, por exemplo, estão inclusos os objetos do local, o clima, determinados cheiros, momento histórico e tantos outros detalhes.

Além da parte escrita há ilustrações feitas por Victor Amarabile, com base no conteúdo escrito e apurado. Nesse contexto ele desenvolveu desenhos minimalistas e com referências da linguagem visual do futebol e da cultura

LGBTQAI+, inserindo elementos do esporte como cartões vermelhos, bandeiras, chuteiras e medalhas.

O produto jornalístico abordou casos de homossexualidade em diversas esferas do futebol, como torcidas organizadas, times não necessariamente profissionais, mas que tenham exclusividade para homossexuais, árbitros e também possui entrevistas com jornalistas que já passaram por alguma experiência pertinente ao tema.

O livro-reportagem foi dividido em cinco capítulos com sub-temas, introdução e epílogo. O início foi baseado no modelo de abertura da obra *Como o futebol explica* (2005) o mundo de Franklin Foer, a qual o autor explica a sua relação com o esporte e porque decidiu retratar esse universo. E o restante da peça foi construída de maneira que intercala opiniões de especialistas, fontes e histórias de personagens para retratar cada situação e caso. O tamanho dos capítulos, em média, é de cinco páginas e o livro tem de cinquenta páginas.

A diagramação, feita também por Victor Amarabile, foi pensada em um estilo *pocket book* com o intuito de proporcionar uma leitura mais rápida e para que o próprio objeto fosse prático de carregar e apresentar para os leitores.

A peça teve suas características particulares como a separação das histórias em capítulos, a introdução particularizada, mas seguiu o modelo de tradicionais livros-reportagens como Hiroshima de John Hersey.

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. [...] a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2004 p.52)

Esta é a definição de livro-reportagem-perfil que Edvaldo Pereira Lima faz em seu livro *Páginas Ampliadas* (2004). Ele define diversas vertentes de livros e a peça elaborada tem traços de várias definições. Porém, a que mais está presente é a de perfil, tendo em vista que o produto foi construído com depoimentos de personagens que compõem a realidade de um grupo social, sendo estes, pessoas envolvidas no futebol as quais sofrem ou convivem com a homofobia. Entretanto, essas entrevistas foram uma ponte para evidenciar o problema a ser retratado, que é a homossexualidade e não os homossexuais.

Outra interpretação feita pelo autor é a do livro-reportagem-retrato, a qual é parecida com o modelo citado acima, contudo “não focaliza uma figura

humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade [...] procurando traçar o retrato do objeto em questão” (LIMA, 2004, p. 70). Ou seja, é exatamente a junção das duas explicações que conduziram o projeto realizado, pois além de personagens o livro-reportagem visou “elucidar, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade. É marcado, pelo interesse em prestar um serviço explicativo.” (LIMA, 2004, p.70).

Com o propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo. (LIMA, 2004, p.74)

Essa outra faceta (livro-reportagem-denúncia) não pode ser excluída da metodologia, pois na construção do livro houve investigação para alcançar os relatos desejados, para achar as pessoas certas e que estavam dispostas a fazer declarações. O objetivo final do trabalho é expor todas as injustiças cometidas e tentar mobilizar os leitores para a resolução deste problema.

Por fim, há ainda traços de uma última definição, livro-reportagem-ensaio, a qual possui “a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, conduzida de forma a convencer o leitor a compartilhar do ponto de vista do autor” (LIMA, 2004, p. 78). De forma moderada, pois se trata de um produto jornalístico, entretanto existe um propósito de influenciar as pessoas a concordarem, ou pelo menos, conseguirem enxergar o problema sob a mesma perspectiva que a minha.

Quando produziam perfis humanos, os *novos jornalistas* como eu se grudavam com seus personagens, qual carrapatos, acompanhando-os, observando-as à exaustão, até que espontaneamente aconteciam as cenas do cotidiano realmente reveladoras do personagem, seu comportamento, suas atitudes, seu *status* de vida, suas contradições. (LIMA, 2004, p. 247)

O método citado acima foi a maneira de apuração para a produção do livro-reportagem, visto que de acordo com os conceitos de Tom Wolfe, do *novo jornalismo*, referenciados por Edvaldo Pereira Lima, este é o melhor jeito de extrair o conteúdo mais aprofundado de cada fonte. É necessário entrar na sua vida, rotina, casa e ambiente de trabalho do personagem, para captar tudo o que acontece referente ao tema e à pessoa, conseguindo assim criar uma narrativa, com descrições de cenários, entrevistados e status de vida. Este último termo condiz com um detalhamento não só de ambientes e pessoas, mas do conjunto

disso. Como foi feito ao descrever os campos de futebol visitados, os traços físicos de cada jogador e todo o universo que os rodeava.

Uma das justificativas para este trabalho ser em formato de livro-reportagem, é que além de todas essas classificações e conceitos citados, ele também é um modelo que possui maior alcance de público, no que diz respeito ao aprofundamento de uma notícia. “Nas ocasiões em que uma matéria é publicada tanto em periódico quanto em livro, temos a união de possibilidades significativas para a multiplicação e o alcance útil de uma história” (LIMA, 2004, p.263).

Diferentemente dos livros, muitas reportagens que foram usadas para a pesquisa do tema não possuíam a minúcia necessária, uma vez que para divulgar informações desse tipo (agressões por orientação sexual, por exemplo), é preciso muita investigação e tempo. Há a sensação de que muitas delas só foram publicadas para garantir o “furo”, mas que não se preocuparam com o teor de impacto para todos os envolvidos e a necessidade de bons conteúdos retratando o assunto.

A reportagem temática trata-se da mais próxima ao jornalismo convencional, em origem. Seu propósito é discutir, com imersão, humanização, pesquisa e bom texto autoral, pelo menos, um tema candente ancorado numa questão específica. (LIMA, 2004, p. 340)

A reportagem temática se enquadra na definição mais pura de jornalismo que é contar histórias, da melhor maneira possível, muito bem apurada, aprofundada, com todos os detalhes relevantes para um bom entendimento e aproveitamento do leitor. Isso que este livro-reportagem objetiva fazer, aproveitar tudo que as fontes têm a oferecer, conseguir captar as melhores declarações e relatar tudo de forma humanizada para aproximar o público-alvo deste tema tão importante e pouco ou mal abordado na mídia em geral.

Um exemplo claro de livro que conseguiu fazer o que Edvaldo Pereira Lima comenta e o que este projeto pretende apresentar é o Hiroshima, de Jonh Hersey. O autor conseguiu descobrir histórias incríveis apenas porque passou muito tempo apurando e convivendo com seus personagens. Recurso de apuração usado para a realização desse trabalho ao acompanhar treinos dos times entrevistados, estreitar a relação com os jogadores e entrar aos poucos na vida de cada um.

3.1 CARACTERÍSTICAS TÉCNICAS

Por fim, a capa é em gramatura 300 gramas e foi pensada de uma maneira que refletiu a importância do conteúdo, e mesclou imagens tradicionais como as linhas de um campo de futebol e uma bandeira do movimento LGBTQAI+. É necessário enfatizar não só o esporte, mas também as pessoas que compõe ele.

O tamanho das páginas é 12,5 x 18 centímetros, em papel Chambril Avena de gramatura 80 gramas, de uma maneira que se aproxime de livros tradicionais comprados em livrarias, mas não tire a característica de exclusividade do exemplar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após muitas aventuras e pesquisas sobre personagens, sobre os casos de homofobia, agressões, sobre a abordagem da mídia e o compromisso dos jornalistas esportivos com o assunto, pode-se dizer que a pergunta-problema “Como é possível retratar em livro-reportagem a homossexualidade no futebol?” foi respondida.

É com muito cuidado e responsabilidade profissional que se pode apresentar um tema tão delicado e tão relevante em uma peça jornalística. É preciso respeito, acima de tudo, e comprometimento com o ser humano que está sendo exposto. O jornalismo fala diariamente sobre mortes, assassinatos, violências e abusos, mas não é demonstrado o porquê realístico dos acontecimentos, muito menos como é possível combater o mal exibido. Esse foi o maior desafio do trabalho, aprofundar-se em cada agressão, cada trauma, cada motivo que os ocorridos atingiram determinadas pessoas.

A metodologia e referencial utilizados atenderam bem à demanda de pesquisa e execução técnica. Contudo, os teóricos que falam do assunto são extremamente escassos deixando a pluralidade de opiniões teóricas rasa. Esse foi mais um dos motivos que me motivou a escrever sobre o assunto, ninguém nunca tocou no tema de maneira profunda e o mais isenta possível, ninguém nunca se preocupou em evidenciar os movimentos de resistência e se infiltrar nos grandes clubes para combater os preconceitos.

A conquista de fontes ligadas às grandes corporações foi extremamente valorizada e preservada. Notar a vontade dos personagens em compartilhar suas histórias, estarem felizes porque alguém lhe deu voz e se importou com o seu problema foi extremamente gratificante e mostrou a relevância desse trabalho não só para o meio acadêmico e profissional, mas para as pessoas oprimidas pelo preconceito.

Ainda é preciso quebrar a barreira lucrativa da mídia e os interesses dos grandes comandantes por trás do futebol. A sociedade só se dará conta do tamanho do problema e da profundidade dele quando o conceito realmente lhe afetar de alguma forma e não só de maneira opinativa.

Pensando nisso, é possível concluir que o cenário idealizado por mim e desejado por todos os personagens desse livro ainda é utópico. Um ambiente de plena igualdade, respeito e onde os valores humanos são priorizados frente aos cifrões que o esporte move ainda está longe de acontecer.

É com muita resistência e evidência jornalística que o movimento LGBTQAI+ poderá conquistar pedaço por pedaço de cada estádio no Brasil. É preciso uma mobilização da sociedade, a qual apenas o jornalismo pode proporcionar, mostrando diariamente nos programas esportivos as diferenças, os indivíduos represados e não só resultado do jogo. Por meio da personificação de uma barbárie os meios de comunicação conseguiriam chamar mais atenção do público e inserir o tema na pauta. Essa é a responsabilidade e relevância jornalística que esse trabalho evidenciou.

Há diversas vertentes que ainda podem ser exploradas como os estereótipos, o comportamento do ser humano perante o diferente, o posicionamento de times, entre outras questões, que não couberam nessa pesquisa, nem foram prioridade.

Com um sentimento de dever cumprido e vontade de continuar pesquisando sobre o tema, concluo esse trabalho. Como citado o assunto é extremamente amplo e é necessário uma pesquisa muito mais aprofundada, com mais tempo e mais apuração. Os acontecimentos relatados não estão restritos a uma cidade ou país, eles são recorrentes em todo o mundo e por isso há o desejo de levar esse projeto a diante.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIATTI, Alexandre. 10/02/2014 14h36 - Atualizado em 10/02/2014 17h03 Homossexualidade no esporte: Brasil mantém futebol dentro do armário. **Globoesporte.com**. Rio de Janeiro, p. 1-1. fev. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2014/02/homossexualidade-no-esporte-brasil-mantem-futebol-dentro-do-armario.html>>. Acesso em: 19 set. 2017.

ALMEIDA, Marco Bettine; SOARES, Alessandro da Silva. **O futebol no banco dos réus: caso da homofobia**. Porto Alegre: Movimento, 2012. (ALMEIDA; SOARES, 2012).

ALVIM, Mariana. **Homofobia mata uma pessoa a cada 25 horas; Norte tem maior índice**. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/homofobia-mata-uma-pessoa-cada-25-horas-norte-tem-maior-indice-20819002>>. Acesso em: 28 out. 2017.

BBC. Pesquisa inédita revela que 82% dos torcedores britânicos aceitariam jogador gay em seus times. **Bbc**. São Paulo, p. 1-1. 27 out. 2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/geral-37786308>>. Acesso em: 19 set. 2017.

BELLOS, Alex. **O Brasil em campo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CAMPOS, Anderson Gurgel. **A economia das imagens do esporte: produção, reprodução e valoração de bens imagéticos nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos**. 2014. 243 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Estudos Pós-graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica (puc-sp), São Paulo, 2014.

EFRAIM, Anita. Time só de gays luta para quebrar estereótipos no futebol. **Estadão**. São Paulo, p. 1-1. maio 2017. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/noticias/comportamento,time-so-de-gays-luta-para-quebrar-estereotipos-no-futebol,70001768292>>. Acesso em: 19 set. 2017.

FOER, Franklin. **Como o Futebol Explica o Mundo - Um Olhar Inesperado Sobre a Globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**. Barueri: Manole, 2004.

NOGUEIRA, Luís Felipe. **Sobre futebol e migalhas**. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/sobre-futebol-e-migalhas/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

PADIN, Guilherme. **Uma noite de futebol com o Unicorns FC, o time que joga contra a homofobia**. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/02/deportes/1496437050_857932.html>. Acesso em: 19 mai. 2017.

UOL. **"É impossível se revelar homossexual no futebol", lamenta Giroud**. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2018/11/15/e-impossivel-se-revelar-homossexual-no-futebol-lamenta-giroud.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

VINICIUS, Paulo. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2003.